

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 588	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120	25 DE ABRIL DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Portugal teve a semana passada a honra de ser visitado por uma estrangeira illustre, que tem um grande nome no mundo litterario e que é muito querida e muito considerada em todas as sociedades cultas da Europa — M.^{me} Juliette Adam, M.^{me} Adam, a fundadora e directora da *Nouvelle Revue*, a auctora de numerosos livros de litteratura, d'arte, de politica e de viagens, muito notaveis e muito apreciados. Chegou na sexta feira de Paixão a Lisboa, no *Sud Express*, acompanhada pela sua amiga madame Young esposa do director da *Revue Bleu*.

Já ha semanas que era esperada em Lisboa a visita de madame Adam, mas a illustre viajante teve que addiar a sua jornada até agora, em consequencia do mau tempo.

Madame Juliette Adam cujo brilhante talento é reconhecido em toda a parte e se affirma brilhantemente em cinco livros muito notaveis, publicados sob o pseudonymo de Comte de Visseli, e que tem muita voga. *La société de Berlin, la société de Londres, la société de Vienne, la société de Saint Petersburg, la société de Madrid*, é uma senhora ainda formosa apesar dos seus 59 annos, conservando vestigios bem evidentes da sua notavel belleza, muito sympathica, muito distincta, conversando com immenso espirito, com um espirito que faz comprehender o encanto que leva ao seu *Salon* de Paris tudo quanto em Paris ha de mais illustre nas letras, nas sciencias, na politica e nas artes, pois a casa de madame Adam é presentemente em França, a unica amostra dos famosos *Salons* tanto em voga no seculo passado e nos principios do seculo actual.

Os homens de letras de Lisboa fizeram a madame Adam uma recepção muito distincta e tornaram-lhe o mais agradável possível os poucos dias que passou entre nós.

Como dissemos madame Adam chegou a Lisboa na sexta feira de Paixão, sendo esperada na *gare* do Rocio por muitos homens de letras e jornalistas e sendo conduzida pelo braço do sr. conselheiro Ferreira do Amaral para a carruagem do sr. conde de Valenças, na qual seguiu para o Hotel Internacional onde foi logo cumprimentada por muitos jornalistas.

No dia immediato a illustre viajante visitou a igreja dos Jeronymos, a Sociedade de Geographia, onde lhe foi offerecido um delicado *lunch* e onde lhe foram apresentados varios homens de letras, e á noite assistiu ao baile que deu o nosso presado amigo o sr. conde de Valenças.

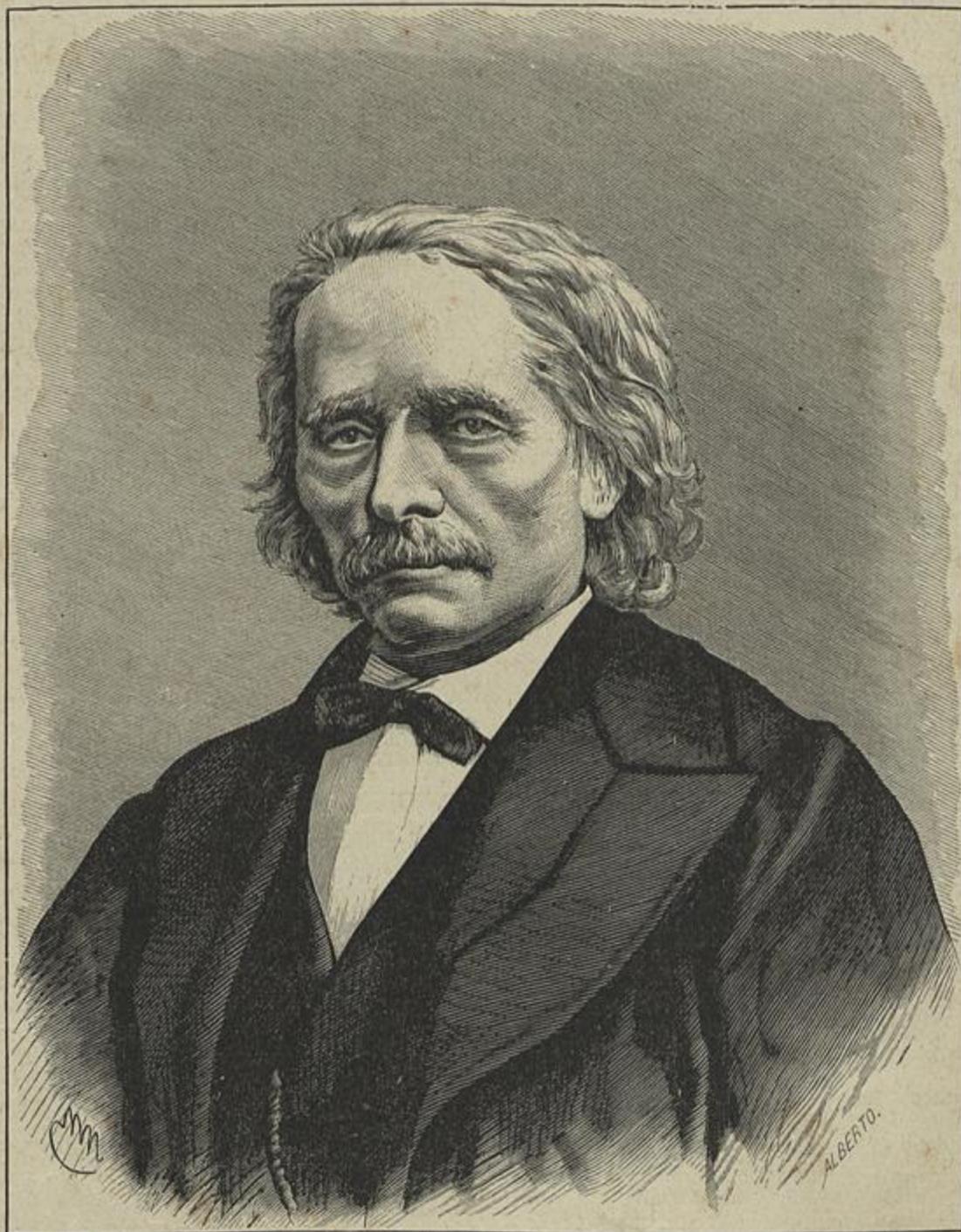
Era a primeira vez que o sr. conde de Valenças abria as salas do seu esplendido palacio do Pau de Bandeira, salas riquissimas e elegantissimas, d'um alto bom gosto e d'um grande valor artistico, decoradas com pinturas dos nossos principaes artistas, *panneaux* de Columbano Bordallo, de Villalça, de Raphael Bordallo Pinheiro, etc.

O baile dos srs. condes de Valenças foi uma festa esplendida das mais brilhantes e alegres que se tem feito em Lisboa e madame Adam ficou encantada pela maneira gentilissima e perfeitamente fidalga com que foi recebida pelos senhores conde e condeça de Valenças e por suas encantadoras filhas.

No dia immediato, domingo de Paschoa, a il-

lustre viajante almoçou em casa dos srs. condes de Burnay, visitou a torre de Belem, que admirou muito e que lhe inspirou um pequenino conto phantastico a *Torre da Belleza*, que publicou no *Seculo*, a tapada da Ajuda, e á noite esteve nos theatros de D. Maria e de D. Amelia.
Na 2.^a feira madame Adam visitou Cintra acom-

panhada pelo sr. conselheiro Ferreira do Amaral Luciano Cordeiro e Magalhães Lima, o brilhante redactor do *Seculo*, que acompanhou em toda a sua viagem por Portugal a illustre escriptora, fazendo-lhe gentilmente as honras da terra; almoçou na deliciosa vivenda que em Cintra possui a sr.^a condessa de Penalva d'Alva, regressou á tarde



CESAR CANTÚ — FALLECIDO EM 11 DE MARÇO DE 1895

(Cópia de photographia)

a Lisboa para assistir á tourada, no Campo Pequeno, e á noite offereceu-lhe um sumptuoso banquete, seguido de recepção, os srs. condes de Burnay, que foram inexcedíveis de amabilidade para com a distincta viajante.

N'esse mesmo dia madame Adam visitou a sr.^a Duqueza de Palmella, e no dia immediato, em companhia do sr. conde de Valenças, esteve admirando a sumptuosa capella de S. João Baptista na egreja de S. Roque, foi apresentada no Paço das Necessidades por madame Blondel, a formosissima esposa do secretario de França, demorando se muito tempo a conversar com Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia.

Na 4.^a feira madame Adam visitou a Exposição do Gremio Artístico, deu um passeio pelo Tejo, assistiu ao banquete que por varios jornalistas e homens de letras lhe foi offerecido no Hotel Bragança, e na 5.^a feira de manhã partiu para as Caldas da Rainha, acompanhada pelos srs. Raphael Bordallo e Magalhães Lima.

Nas Caldas, Raphael Bordallo levou a illustre estrangeira a visitar a sua fabrica de faianças, offerecendo-lhe uma lindissima talha, e madame Adam seguiu com madame Youg, acompanhada por Magalhães Lima, para Alcobaça, Batalha, Leiria, Coimbra e Porto, d'onde na segunda feira partiu para Paris pelo caminho de ferro de Salamanca.

Madame Adam deve ter levado as mais gratas recordações do nosso paiz; por toda a parte foi muito e justamente festejada; toda a imprensa de Lisboa, Coimbra e Porto lhe dedicou entusiasticos artigos de boa vinda e Raphael Bordallo consagrou-lhe uma das suas mais deliciosas paginas no *Antonio Maria* de 20 do corrente.

Com a visita de madame Adam a Lisboa coincidiu tambem a visita d'ouro estrangeiro illustre, o sr. dr. José Carlos Rodrigues, distincto jornalista brasileiro, director d'um dos principaes jornaes do Brazil, o *Jornal do Commercio*, e amigo dedicadissimo dos portuguezes.

O sr. dr. José Carlos Rodrigues é uma das maiores glorias do Brazil. Filho de portuguezes elevou-se pelo seu talento, pela sua illustração, pelo seu perseverante trabalho a um dos logares mais proeminentes da imprensa brasileira, conservando sempre uma grande sympathia pela patria de seus paes e prestando relevantissimos serviços á colonia portugueza no Brazil.

Acolhido com muito entusiasmo e muita sympathia, como de dever era, na sua viagem a Portugal, ao sr. José Carlos Rodrigues foi offerecido um banquete no Hotel Bragança, na segunda feira 22, pelo seu velho amigo e admirador o sr. Joaquim Cerqueira.

Tomaram parte n'esse banquete, que foi uma verdadeira festa, muitas das illustrações mais brilhantes de Portugal, como o sr. dr. Sousa Martins, Marianno de Carvalho, Ramalho Ortigão, dr. Mattoso dos Santos e muitos outros cavalheiros portuguezes e brasileiros, trocando-se entusiasticos e brilhantes brindes.

Saudamos na sua estada entre nós o illustre jornalista brasileiro e d'aqui lhe enviamos as nossas boas vindas.

Tem continuado com muita actividade a expedição de forças e material de guerra para Lourenço Marques.

Na segunda feira 15, partiu a bordo do *Peninsular*, da Empresa Insulana de Navegação, o segundo troço da expedição, e d'ali a oito dias, na segunda feira, 22, partiu o terceiro troço a bordo do *Ambaca*, da mesma empreza.

O *Peninsular* metteu um grande susto a todos os portuguezes, pois tendo partido no dia 15 logo no dia 18 constou por telegramma de Cadiz, do capitão do *Afonso XII*, que o *Peninsular* fôra visto a 60 milhas O. N. O. do cabo de S. Vicente, rebocado, com grandes avarias, por um vapor estrangeiro.

Compreende-se facilmente a anciedade que esta noticia produziu, anciedade que durou até que o *Peninsular* voltou de novo ao nosso porto, rebocado pelo vapor francez *Ville de Dunkerque*, e que houve a certeza de que estava tudo vivo e são a bordo, não tendo havido desgraças pessoaes.

N'outro logar do OCCIDENTE encontrarão os nossos leitores noticia circumstanciada do desastre acontecido ao *Peninsular* e da maneira heroica como se portou o capitão Girou do *Dunkerque*

a quem se deve não haver hoje a lamentar uma terrivel catastrophe.

O *Peninsular* vae soffrer agora grandes reparações, tendo desembarcado já para terra as forças expedicionarias que estavam a bordo d'esse navio e que devem seguir por estes dias para o seu destino a bordo do vapor *Vega*.

Encerrou-se no sabbado, ás 5 horas da tarde, a Exposição do Gremio Artístico, installada nas salas da Academia Real de Bellas Artes.

Ao encerramento assistiram Suas Magestades as Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, El Rei D. Carlos e o Sr. D. Afonso. Antes do encerramento leu um discurso o sr. Gabriel Pereira e Sua Magestade a Rainha procedeu á distribuição dos diplomas aos expositores premiados que foram:

El-Rei D. Carlos, Arthur Vieira de Mello, João Vaz, Julio Costa, Benarus, Eatistini, Galhardo, Viscondessa de Sistello, D. Luiza Zemith da Cunha, José d'Almeida e Silva, Ferreira da Costa, Eduardo Burnay, D. Alice Grillo, M.^{lle} Zoé Wauthélet, D. Sara Gonçalves, D. Anna de Souto Carneiro, Adães Bermudes, Jose Alexandre Soares, Costa Motta, Luciano Lallemand e Diogo Netto.

Finda a distribuição a direcção do Gremio Artístico offertou a Suas Magestades as Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, dois formosos ramos de flores naturaes com fitas azues e hrancas.

No domingo 21 do corrente realisou-se com grande solemnidade, em Lisboa, uma homenagem á memoria do illustre professor e jornalista republicano José Elias Garcia, fallecido ha 3 annos.

Está ainda na memoria de todos a extraordinaria manifestação imponente de saudade, de respeito e de consideração, que foi o enterro d'esse illustre jornalista, que viveu e morreu pobre e legou á sua patria um nome glorioso e honrado.

O Grande Oriente Lusitano de que José Elias Garcia fôra grão-mestre, e os amigos intimos do illustre morto, resolveram logo mandar erigir um jazigo para depositar os restos mortaes d'esse grande homem, que morreu tão pobre que para não ir para a cova o seu cadaver, teve que ser depositado no jazigo da camara.

No domingo realisou-se a trasladação dos restos mortaes de José Elias do jazigo da camara para o novo monumento. Esse monumento é simples. Tem a forma de obelisco e foi delineado pelo sr. Silvestre da Silva Mattos e executado na officina d'este distincto artista.

O terreno em que se erigiu o monumento foi cedido gratuitamente pela camara municipal de Lisboa, da qual José Elias fôra um dos principaes ornamentos. O monumento é quadrangular e mede do solo ao topo 9 metros. A base assenta em tres degraus e tem na face anterior o busto de Elias Garcia, n'uma das lateraes o emblema da sciencia, a esphera armillar e outros instrumentos symbolicos, na outra a figura da liberdade passando sobre o globo sustentando nas mãos o facho do progresso, e na outra as cadeias da servidão despedaçadas e na face posterior diversos emblemas maçonicos. Acima da base do obelisco eleva-se uma pyramide de 4^m,20 de altura, tendo como remate uma estrella de crystal de 5 raios, estrella que foi feita na Austria.

A decoração dos 4 lados da columna é composta de 4 quadros em baixo relevo sinzelados pelo sr. Silvestre Mattos. Nos retabulos ha as seguintes inscrições: Na frente: A José Elias Garcia, coronel de engenharia, lente da Escola do Exercito, deputado, vereador, grão mestre da Maçonaria portugueza. N. em 30 de dezembro de 1830 e passou a gosar a luz celeste em 22-abril-1892.

Na face onde está o emblema da liberdade: «Ao jornalista e orador erudito propugnador da liberdade, egualdade e fraternidade.»

Na da sciencia: Ao integerrimo professor da 6.^a cadeira da Escola do Exercito e insigne apostolo da instrucção popular. Na do emblema maçonico «Ao cidadão intemerato gloria da Patria que lhe foi berço.»

O monumento principiou a construir-se em fins de 1893 e ficou concluido em principios de abril de 1894.

A trasladação como já dissemos realisou-se no domingo 22, sendo enorme a concorrência de associações, de amigos de José Elias Garcia e de povo.

O prestito das associações organisou-se ao meio dia, no Campo de Sant'Anna, precedido d'uma for-

ça de guardas civis, seguindo-se por sua ordem os bombeiros municipaes com a sua banda; um carro com o retrato de Elias Garcia e as coróas que foram depositadas sobre o seu feretro no dia do fallecimento; a commissão executiva do monumento; diversas associações, escola do exercito, bandas da academia 24 d'agosto, Fabrica Portu-gal, dos operarios dos caminhos ferro, da associação Freitas Cazul, da academia 25 de março, Guilherme Coussul, associações de lavadeiras, costureiras, asylo de S. João, maçonaria, batalhão dos alumnos da Casa Pia, e bonbelros voluntarios.

No cemiterio aguardavam o cortejo tres vereadores do municipio de Lisboa. O 1.^o discurso foi pronunciado pelo sr. Isidoro Vianna, amigo intimo do finado; fallaram em seguida os srs. Brito Aranha, pela imprensa, Pinheiro de Mello, pelas associações, Ernesto da Silva pelas classes operarias, e Gomes da Silva pela maçonaria. A cerimonia correu na melhor ordem e foi uma homenagem digna da memoria gloriosa do illustre morto,

O jornalismo republicano portuguez acaba de soffrer uma perda sensivel. Falleceu no dia 18 do corrente o sr. Reis Damaso, um jornalista distincto, homem de letras muito estudioso e apreciavel, que ainda na flor da vida, foi arrebatado em poucos dias aos carinhos da sua estremosa familia e á estima dos seus numerosos amigos e collegas por uma pneumonia infecciosa.

Reis Damaso era natural do Algarve. Nasceu pobre soube tornar-se distincto nas letras pela sua clara intelligencia e pelo seu assiduo trabalho. Era um trabalhador infatigavel, um propagandista entusiasta da causa democratica. Os seus principaes trabalhos litterarios eram estudos criticos e biographicos dos nossos mais notaveis contemporaneos que elle procurava fazer conhecidos no estrangeiro. Era correspondente de dois jornaes hespanhoes, e mantinha relações cordias e correspondencia amiudada com muitos escriptores democraticos distinctos tanto da Hespanha como da França. Era um bello rapaz e um bello luctador e a sua morte foi muito sentida por todos os seus amigos e collegas.

Novidades theatraes tivemos as recitas da fes'ejada actriz hespanhola Maria Tuban, no theatro de D. Amelia.

Maria Tuban é uma artista distinctissima e juntamente com Maria Guerrero occupa hoje o primeiro logar na scena hespanhola.

Tem irrefutavel talento, subida illustração e tem estudado a sua arte nos grandes modelos francezes e italianos. Em Lisboa agradou muito, teve muitas ovações mas infelizmente teve pouca concorrência do publico e por isso foi limitado o numero das suas representações.

Em todas as peças que representou entre nós, tres das quaes eram novas para Portugal, as *Vingadoras*, drama hespanhol de Eugenio Sellés, o *Servico Obrigatorio*, traducção hespanhola de *Champignol malgrélui*, de Georges Feydeau, e o *Thermidor* de Sardou, se distinguiu muito. A companhia que a cercava era muito mediocre.

No Colyseu dos Recreios estreia se uma nova companhia equestre e gymnastica que está ali ainda funcionando e que é das melhores que tem vindo a Lisboa.

Entre os artistas d'essa companhia destacam-se a atheleta Mery Arnotis, que é uma formosa mulher, dotada d'uma plastica irreprehensivel e d'uma força prodigiosa; a baroneza de Szeler, que é uma amazona eximia, as irmãs Hernandez, notaveis nos seus trabalhos de argolas.

O Colyseu tem tido bastante concorrência e os trabalhos que citamos merecem ser vistos e applaudidos.

Livros novos.

Acabamos de receber tres novos livros cujo amavel offerecimento agradecemos desde já aos seus auctores: *El-Rei*, esplendido romance historico original de D. João da Camara, illustrado por Villaça; *O poema do trabalho*, do sr. Adriano Anthero, do Porto, e o *Ciume com ciume se paga*, comedia n'um acto do sr. Rangel de Lima Junior, representada ha annos com muito exito no Gymnasio e que foi a sua brilhante estreia theatral.

Em breve nos occuparemos d'estes tres livros em chronica exclusivamente a livros destinada.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

CESAR CANTÚ

Foi no dia 11 do mez de março passado que falleceu, em Milão, o notavel historiador italiano, Cesar Cantú.

Apresentando aos leitores o retrato do celebre escriptor e prestando-lhe esta homenagem, mingamos uma divida de gratidão por parte do nosso paiz, ao qual na sua grande obra — a *Historia Universal* — Cesar Cantú, dispensa palavras de justiça e elogio, o que da parte de um estrangeiro tão illustre é deveras captivante e penhorativo.

Cesar Cantú nasceu em Brivio, (Italia), em 5 de dezembro de 1805. Foi educado em Sondrio, onde a sua applicação aos estudos lhe deu o logar de professor de litteratura na escola principal d'aquella cidade, quando apenas contava dezoito annos de idade.

O seu primeiro trabalho foi o *Ragionamenti sulla storia Lombarda del secolo XVII*, no qual expendia idéas tão profundamente liberaes, que os tribunaes austriacos o condemnaram, sob pretexto de conspirar, n'um anno de prisão.

Durante o tempo que esteve preso escreveu um romance intitulado: *Margherita Pusterla*, que alguns auctores compararam ao *I promessi Sposi*, do celebre Manzoni.

Os seus *Cantos religiosos* e as suas leituras para a mocidade (*Lecture Giovanelli*) são trabalhos apreciados, tendo este ultimo mais de trinta edições, em Italia.

E a sua *Historia Universal*, a obra que maior reputação lhe deu, é talvez, a obra contemporanea que mais diffundida tem sido.

N'essa notabilissima obra, Cesar Cantú, soube aproveitar, n'uma ordem simples e methodica tudo o que tem sido publicado de mais notavel em todos os paizes pelos escriptores conceituados, e apresenta com clareza e com arte o resultado das suas eruditas investigações. Tem um estylo elegante e preciso o qual se aponta como um modelo, as suas apreciações criticas, as descrições animadas, os seus conceitos politicos e litterarios dão vida a esta notavel historia cuja leitura delecta e instrue.

Amigo da liberdade, Cesar Cantú alliou esse sentimento com um profundo respeito pela religião catholica, e nos seus numerosos escriptos soube satisfazer ao sentimento geral moderno e antecipar-se ao movimento espontaneo dos espiritos que se tem manifestado nas ultimas evoluções. E' tudo isto o que caracteriza perfeitamente a *Historia Universal* do grande escriptor.

Devido á pureza das fontes de que se serviu Cesar Cantú teve occasião de ser justo para com Portugal. E' assim que quando falla d'este reino, elle dispense palavras sempre justas, e por vezes amaveis, o que da parte de um estrangeiro ainda mais deve penhorar uma nação.

Todavia, em varios pontos soffreu a sua obra algumas alterações do traductor portuguez, e essas alterações não agradaram ao velho historiador. Fallamos da edição que traduziu o sr. Antonio Ennes, pois que a primeira traducção foi a do sr. Bernardes Branco.

A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA LOURENÇO MARQUES

O VAPOR «PENINSULAR»

No dia 17 do corrente, correram em Lisboa varias noticias alarmantes, que sobresaltaram toda a cidade e fizeram por mais de vinte e quatro horas receiar pela sorte de um troço da expedição militar, que por ordem do governo embarcára, no dia 15, a bordo do *Peninsular*, para seguir para Lourenço Marques.

Essas noticias, qual d'ellas mais aterradora, dizem que o *Peninsular* fôra visto perto do Cabo de S. Vicente lutando com o mar e pedindo socorro sem poder ser socorrido.

Infelizmente essas noticias eram em parte verdadeiras, e logo do arsenal de marinha se pretendeu mandar socorro ao *Peninsular*, e dizemos pretendeu porque apesar de toda a boa vontade, não foi possível dispôr de nenhum navio do Estado para esse fim, tendo que se recorrer aos navios particulares, o que se conseguiu mandando dois

vapores de reboque em busca do *Peninsular*, que não lograram encontrar.

A Companhia Insulana a que pertence o *Peninsular*, tambem mandou o *Funchal*, que acabava de entrar dos Açores, em busca do navio que se supunha perdido, e as horas que decorreram até que se soubesse que o *Peninsular* vinha a reboque do vapor francez *Ville de Dunkerque*, demandando a barra de Lisboa, fôram de angustia para as familias e amigos de quantos iam a bordo d'aquelle navio, e de anciedade geral para toda a população.

A bordo do *Peninsular* a anciedade não era menor pelo perigo em que se viam quantos iam a bordo, pois o navio, accossado pelo tempo e jogando doidamente no meio das grandes ondas, soltára o helice do veio indo para o fundo, deixando o navio muito perto do Cabo de S. Vicente, sem poder navegar e com a machina danificada, correndo eminente risco de cahir sobre os rochedos impellido pela força do mar.

Isto aconteceu na madrugada do dia 16. De manhã cedo avistaram dois vapores a que fizeram signal de socorro, mas um d'eilles ia tanto ao largo que parece não ter visto os signaes e o outro não poude prestar socorro por não ter cabos. A's 7 horas da manhã passou á vista outro vapor que vendo o signal de pedir socorro, se aproximou e deitou espia de reboque. Era o vapor *Tagus* da Mala Real Ingleza. A espia, porém, rebentou ao cabo de meia hora, e outras que lançaram tiveram a mesma sorte, chegando o vapor inglez a deitar um escaler ao mar, o que foi uma temeridade no meio do grande mar que fazia, tendo que o recolher depois de estar quasi a afundar-se com a tripulação e de ter partido uma borda e um remo contra o costado do vapor.

Este navio não tendo mais cabos que lançar seguiu o seu rumo e deixou o *Peninsular* sem lhe poder dar reboque.

Assim estiveram até á tarde, vendo desaparecer-lhes aquella esperanza de socorro, que por algum tempo lhe mitigara a anciedade em que estavam todos quantos iam a bordo do *Peninsular*.

Quasi ao fim da tarde appareceu um outro vapor á vista que, vendo o signal de socorro içado no tope do mastro do *Peninsular*, se aproximou respondendo logo aos signaes. Era o vapor francez, *Ville de Dunkerque*, que não podendo logo passar reboque em consequencia do muito mar, se conservou nas mesmas aguas esperando que o tempo amainasse mais, para o fazer.

Entretanto a situação do navio portuguez era a cada momento mais critica, pois cada vez mais se aproximava dos rochedos levado pela força da corrente.

Assim se passou uma noite de angustias, sem que no entanto, fosse alterada a boa ordem a bordo, conservando-se tudo sob a mais rigorosa disciplina, como em condições ordinarias.

Pelas 9 horas da manhã do dia seguinte, o mau tempo abrandou um pouco, e o *Ville de Dunkerque* poude aproximar-se do *Peninsular* e lançar-lhe cabo de reboque; mas só o sexto cabo resistiu e o trouxe até Lisboa depois de haverem rebentado cinco espias.

Assim conseguiu entrar de novo no Tejo, na manhã do dia 19 o vapor que transportava a expedição, e o seu salvador era o pequeno vapor francez *Ville de Dunkerque*, commandado pelo capitão sr. Charles Giron, que é um valente e humanitario como provou com o acto de arrojo e de humanidade que acaba de praticar, prestando socorro ao *Peninsular* em circumstancias tão difficeis e perigosas.

Assim que o *Peninsular* fundeou no Tejo, grande quantidade de pequenos barcos cercaram aquelle vapor transportando parentes e amigos dos expedicionarios, dos quaes anciosamente procuravam informações.

A nossa gravura representa o *Peninsular* rebocado pelo *Ville de Dunkerque*, e depois de fundeado no Tejo,

O *Ville de Dunkerque* é um vapor pequeno da *Compagnie General des Bateaux a Vapeur a Helice du Nord*, de 1:781 toneladas e foi construido em Antuerpia, em 1889 pelos constructores J. de Decher & Gez, tendo primeiro sido denominado *Emma Henriette*. A sua machina é de força de 150 cavallos. O *Ville de Dunkerque* seguia de Cete para Bordeaux quando avistou o *Peninsular*.

O seu commandante o sr. Charles Giron é um verdadeiro homem do mar que reúne ás excellentes qualidades de maritimo as boas qualidades de homem corajoso e humanitario, pelo que se torna digno do maior apreço e hoje, para nós portuguezes, merecedor da nossa gratidão, como um benemerito.

E' com a maior satisfação que estampamos o

seu retrato nas paginas do OCCIDENTE, repositório da nossa historia; certos que assim interpretamos o sentir de todos os portuguezes.

Resta-nos fallar do *Peninsular*, vapor pertencente á Companhia Insulana que o adquirio em 1893, tendo então este barco o nome de *Murrumbidgee*.

Foi construido em 1887 pelos constructores e armadores J. L. Thompson & Sons, de Sunderland. E' de aço, de duas cobertas corridas e de 2:744 toneladas. Tem de comprimento 46 metros por 13 de largo, com machina de triplice expansão e tres cylindros e força de 400 cavallos.

E' seu commandante o sr. Bettencourt, velho maritimo experimentado, e a tripulação compõe-se de 70 homens.

O *Peninsular* tem feito as carreiras entre Lisboa, Açores e New-York.

OS TERRITORIOS DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

(Concluido do n.º 581)

Cortando o terreno onde assenta a povoação corre o rio Chive, sobre o qual foi necessario estabelecer uma ponte que ligasse as duas margens. Procedeu a companhia á construcção d'essa ponte, na extensão de 300 metros, seguindo depois uma avenida de 1:200 metros de comprimento que conduz ao cemiterio, egualmente construido pela companhia, e d'esta avenida um ramal em direcção ao quartel.

No parque d'este quartel e por iniciativa dos officiaes e praças do corpo policial foi construida a capella representada em uma das nossas gravuras sob a invocação de S. João Baptista.

Deram começo á obra as referidas praças, com a importancia de uma subscrição aberta entre si, concluindo-se com o producto de donativos espontaneos oferecidos por cavalheiros residentes na Beira, e o rendimento de um bazar organizado pelas mencionadas praças, com premios cedidos pelos habitantes.

Junto á alfandega construiu-se um caes para descarga de mercadorias e desembarque de passageiros, e contratou-se com uma sociedade ingleza, a *Port Beira & C.*, a construcção de caes e pontes de embarque e desembarque na Beira, organizando-se em Londres, para explorar esta concessão uma companhia intitulada *Port Beira Pier, Telegraph, Tramway & C.* que, conforme o seu titulo indica, encetará tambem a exploração de telegraphos e telephones e uma linha de tramways na Beira.

Foi organizado o serviço de saude, estabelecendo-o no recinto da antiga fortaleza, construcção que pertencia ao governo, e na qual a companhia fez as precisas obras para adqur ao fim a que foi destinada. No terreno anexo construíram se casas para residencia do enfermeiro, gabinete de operações, arrecadação, cosinha e outras dependencias. A construcção de um edificio proprio para hospital está porém muito adiantada, e em breve aquelle importante e necessario melhoramento estará completo.

Por todo o territorio pertencente á companhia se crearam povoações regulares, e se levantaram os planos de *Nova Lusitania, Fontesvilla Chiloane, Lacerdomia, Nova Sofala, Villa Barretto, Nova Masequese*, etc.

Nas povoações que existiam e nas novamente creadas, teve a companhia de mandar construir habitações para residencia do respectivo pessoal administrativo, alfandegas, enfermarias, calabouços e cemiterios.

Em Fontesvilla foi construida por subscrição entre os seus habitantes a elegante capella representada tambem em uma das gravuras que acompanham estas rapidas notas sobre os serviços prestados pela Companhia de Moçambique em Africa.

De Fontesvilla parte o caminho de ferro em construcção para a fronteira, dirigindo-se por Chimoro ao valle de Mutazi, devendo d'alli seguir, atravessando as possessões inglezas, até ao forte Salisbury.

D'este caminho acha-se construida a secção de Fontesvilla a Chimoio, na extensão de 192 kilometros, e estudada a secção de Chimoio ao Mutazi na extensão de 110 kilometros, bem como a de Fontesvilla á Beira na extensão de 59½ kilometros.

Terminada a construcção d'este caminho de ferro fica a região mineira do interior em rapida comunicação com o litoral, e o porto da Beira devera' attingir um grande desenvolvimento commercial.

TERRITORIOS DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

As dificuldades a cada passo creadas pelos agentes da companhia ingleza *British South Africa* teem impedido o regular desenvolvimento dos trabalhos da companhia de Moçambique na zona confinante com os estados que á referida companhia ingleza pertencem, e será preciso, para proseguirem desafogadamente esses trabalhos, esperar que seja resolvida a questão com a Inglaterra sobre limites, e que parece estar em bom caminho de resolução, conforme se depreende da partida do sr. conselheiro Antonio Ennes para a provincia de Moçambique.

Não tem por isso tido grande desenvolvimento a industria mineira nos territorios da companhia, apesar dos numerosos contractos de concessão de quinhões mineiros feitos com varios individuos e syndicatos, e estarem demarcados varios filões auríferos para a companhia.

Resolvida que seja a questão com a Inglaterra, e marcados definitivamente os limites que separam os territorios das duas potencias, dar-se-ha todo o desenvolvimento ao trabalho de pesquisa e exploração, da qual ha a esperar os mais auspiciosos resultados.

Falta-nos tempo e espaço para darmos desenvolvida noticia de todos os melhoramentos realisados pela companhia nos seus vastos e ricos territorios africanos. Deixamos apenas indicados alguns d'esses melhoramentos em rapidas notas para acompanharem as grevuras que publicamos, e que por si só bastam para se apreciar a importancia do empreendimento que a Companhia de Moçambique se propoz realizar ao receber do Estado aquellas concessões territoriaes.

Temos fé que ella se ha de sahir brilhantemente da tentativa. O que está feito mostra já bem evidentemente quanto pode o trabalho assiduo subordinado a uma vontade firme.

Que estes esforços sejam secundados pelos homens dedicados ao commercio, á industria e á agricultura, que vendo abrirem-se alli novos mercados, a elles concorram com os seus capitaes e o seu trabalho, certos de realisarem apreciaveis lucros.

J. D.

EXCEPTOS DE PINHEIRO CHAGAS

O DRAMA DO POVO

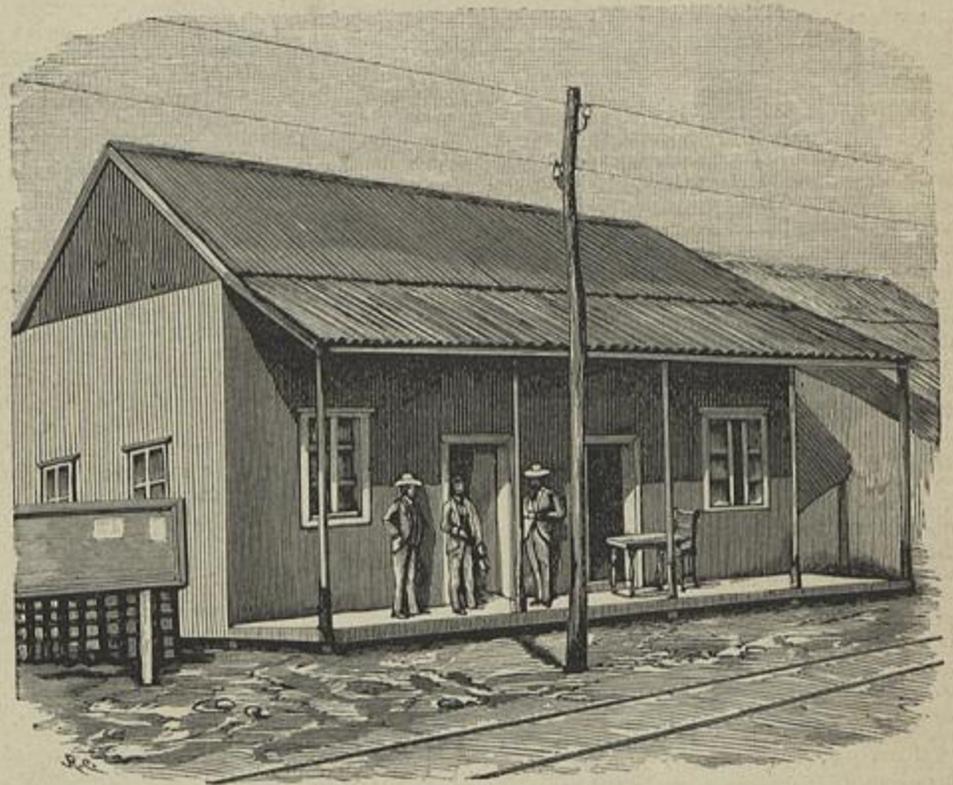
ACTO II

SCENA VI

Condessa, e D. Fernando e Jeronymo

D. FERNANDO (*vendo Jeronymo apparecer á porta, com grande surpresa.*) — O que! és tu, Jeronymo?

JERONYMO, — Sim, senhor. Saiba Vocellencia que sou eu mesmo.



SECRETARIA DO GOVERNO DA COMPANHIA

(Copia de photographia)

D. FERNANDO. — Mas então, que... que noticias me trazes de meu avô?...

JERONYMO. — O sr. marquez, quando eu parti, estava bom de saude... Lá por casa de Vocellencia não havia novidade... Sim, fui eu que disse aquillo aos criados, que é porque elles não consentiam que eu passasse, e vai eu... como tinha por força que fallar com Vocellencia...

CONDESSA (*irritada.*) — Ora esta! Não está máo atrevimento!... Pois olhe, homem de Deus, nós agora temos que fazer, e meu irmão outra vez lhe fallará... Vamos, Fernando... E ande lá que lhe podia sahir mais cara a ousadia!

JERONYMO (*respetoso.*) — A snr.^a condessa ha de perdoar, sim... mas o sr. D. Fernando ainda me não mandou sahir... É que elle sabe que eu sou o pai de Joanna, e que diabo! parece me que não

me ha de mandar pôr fóra assim, sem mais nem menos.

CONDESSA (*para Fernando, surprehendida e desdenhosa.*) — Olá! temos caso de amores bucolicos!

JERONYMO. — É verdade, snr.^a condessa, por nossa desgraça!... Estas coisas cedo ou tarde sempre a gente vem a saber-as, e... e melhor era que as não soubesse nunca... Emfim!... O caso é que o nr. D. Fernando parece que me desinquietou a pequena, e vai depois veio para Lisboa, sem se lembrar da rapariga... Verdade é que o sr. D. Fernando não sabia (*com um soluço a entrecortar-lhe a voz*) que a Joanna ficára de esperanças... (*com amargura*) de esperanças!... Assim é que se costuma dizer... e que mais dia menos dia dá á luz um filho aqui do sr. D. Fernando!



QUARTEL DA POLICIA, NA BEIRA

(Copia de photographia)

TERRITORIOS DA COMPANHIA DE MOÇAMBIOUE

D. FERNANDO (com um mixto de dor, de colera e de espanto). — Um filho!

CONDESSA (impacientada para D. Fernando). — Bônito!... Ora que inconveniencia! N'uma occasião d'estas!... Has-de ser sempre um estouvado!

D. FERNANDO (impaciente). — Deixa-me, Leonor!
JERONYMO (continuando, com voz em que se sente a furia comprimida). — O snr. D. Fernando bem ha-de vêr que, se não fosse o respeito que eu tenho á casa do snr. marquez, e principalmente o affecto lá de dentro que a minha querida Joanna tem ao snr. D. Fernando, que parece que se lhe despedaça o coração q ando falla no seu nome, as coisas não haviam de ficar assim! (Com explosão) Má raios me partam, se eu não estrangulasse o maldito que me desgraçou a minha filha.

D. FERNANDO (com energia). — Tu ameaças-me Jeronymo?

JERONYMO (tornando a si). — Eu não ameaço, não senhor, Vocellencia ha-de desculpar. Eu não vim da Beira até Lisboa, a pé, por essas estradas fóra, comendo muitas vezes o pão da esmola, dormindo á beira dos vallados, e com o coração de luto como se me tivesse morrido alguém, para ameaçar o snr. D. Fernando. Eu o que vim foi pedir-lhe... pedir-lhe pelas chagas de Christo, pela saúde do seu avô, por alma dos senhores seus paes, que não desampare a minha filha, que a não desampare, que ella, se se vê abandonada, estala-me para álli de dôr e de vergonha!

D. FERNANDO (embaraçado e um tanto commovido). — Socega, Jeronymo, que não ha-de faltar nada á tua filha!... Hei-de estabelecê-la com decencia!

JERONYMO. — Muito obrigado, snr. D. Fernando, mas não se faz preciso. A' minha filha, graças a Deus, não lhe falta coisa alguma, e, quando lhe faltar o necessario, é porque eu estou para alli estendido n'uma enxerga, ou morto, ou pouco menos... Sim, o snr. D. Fernando bem sabe que eu quero mais áquella filha que ás meninas dos meus olhos. Basta dizer que, quando a mãe falleceu, era ella uma pequenita... assim, mas já esperta que era de uma pessoa se benzer. Eu estava horas e horas pasmado a olhar para ella. Era a minha companhia que a Rosa sim... nunca foi muito amavel, sempre lá mettida com os seus santos. E váe uma vez que a Joannica teve um garrotilho, e esteve mesmo jogada aos dados, eu



EDIFICIO DO CORREIO

(Cópia de photographia)

parecê que dava em doido... Não pergava olho toda a noite, a passeial-a, a embalal-a, a cantar e a chorar ao mesmo tempo... sósinho, eu, ella e Deus Nosso Senhor, porque quando andam assim juntos uma filha e um pae, parece-me que Deus tambem vae na companhia. E quanto mais crescinha ella ia sendo, mais eu pasmava na pequenina... E de repente succede-me uma desgraça d'estas!... Mas... emfim a minha Joanna não

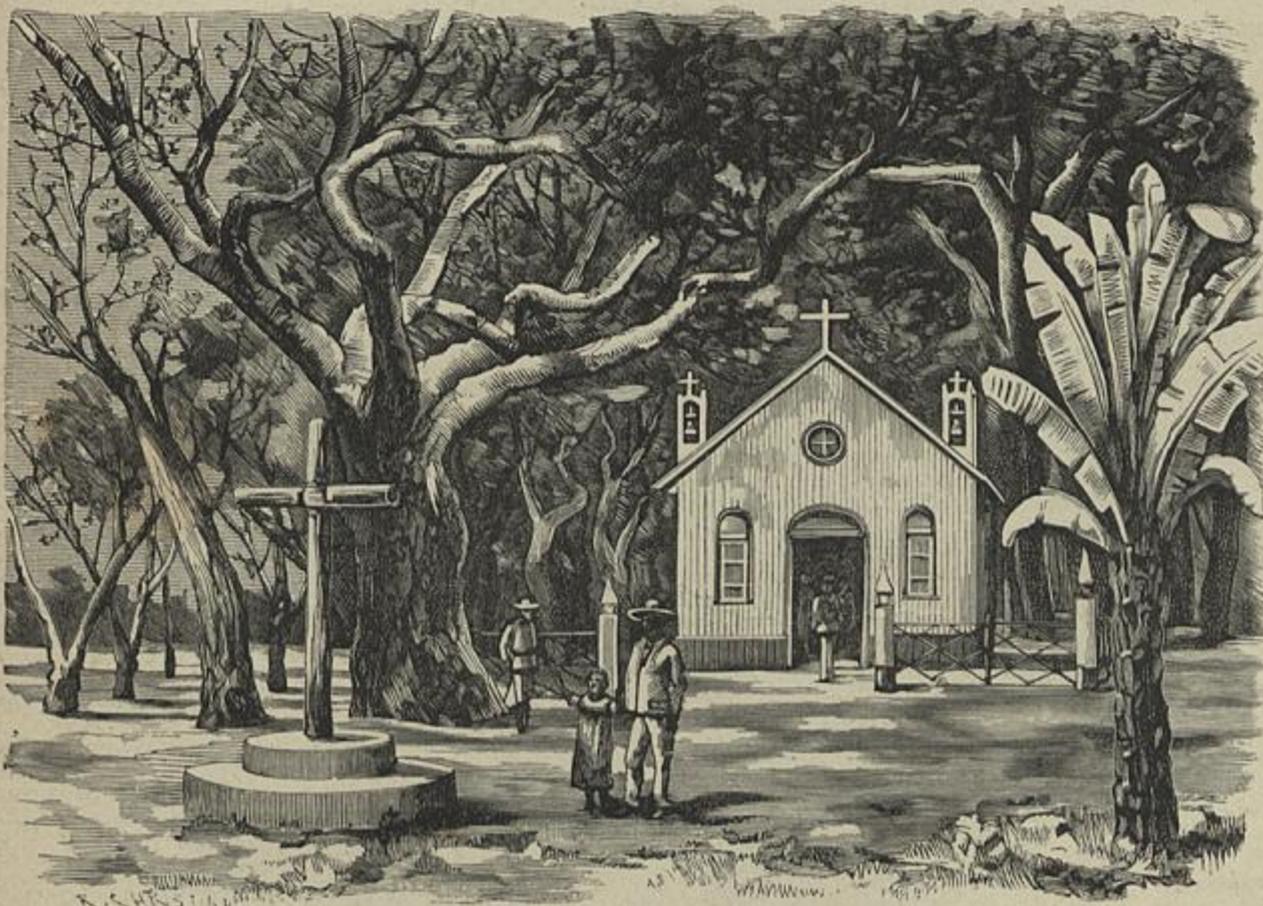
tem... não tinha que se lhe dizer... e eu sempre ouvi que um homem de bem... quando o diabo o tenta com uma rapariga donzella... não a deixa andar nas boccas do mundo... e casa... casa com a mãe do seu filho!

D. FERNANDO (surprehendido). — Casar com tua filha, Jeronymo?! Estás doido?!

CONDESSA (rindo ás gargalhadas). — Ah! ah! ah! o caso é divertido! Este camponez é impossivel que não lêsse os romances de Florian.

JERONYMO (para a condessa). —

Não se ria, snr.^a condessa, que isto é mais serio do que cuida. (Para D. Fernando). Eu, senhor, son um bruto, mas tambem percebo as coisas... Eu bem sei que o snr. D. Fernando é um fidalgo e a minha Joanna uma pobre de Christo!... e que um sogro como eu havia de fazer vergonha aos seus parentes... E na verdade, o Jeronymo um labrego, que tem o maldito sestro de tomar as suas bebedeiras, ir á igreja a par com o snr. marquez, até era uma coisa que dava vontade de rir... Mas a Joanna essa é que até pôde entrar no Paço, que os tapetes das salas não lhe estranham os pés... E o snr. D. Fernando pôde ficar descansado que, se quiser casar com a minha filha, não me torna mais a pôr a vista em cima... Eu, com os diabos, nem já saio de Lisboa, atiro-me ao rio, e Deus me perdoe, que elle bem sabe que é por causa da Joanna... Ella ha-de ter saudades de mim, que tem muito bom coração, mas isto de filhos nunca nos tem o amor que nós lhes temos... e vai o snr. D. Fernando conta-lhe quatro lerias, e ella vai-se esquecendo... E eu, eu no outro mundo a abraçarei, que diz que no céu não ha fidalgos, nem povo... Ah! que eu não posso mais!... Snr. D. Fernando, se as humildes lagrimas de um pae alguma coisa podem, aqui me tem (cae de joelhos) de mãos postas a pedir-lhe que não deixe minha filha deshonrada.



CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA BEIRA

(Cópia de photographia)

SCENA VII

Os mesmos e Jonot

JUNOT (*entrando*). — Desculpe-me, querida condessa, mas já não posso conter os convidados, que reclamam em altos gritos a dona da casa, e se julgam lesados com a substituição! (*Vendo Jeronymo que se levantou lentamente*). Oh! hoje n'esta sala muito se ajoelha.

CONDESSA (*rindo*). — Que pena, general que não viesse mais cedo! tinha assistido á representação de uma scena tragica extremamente interessante. . . Imagine que este horado homem, que tem o séstro de fazer as suas libações a Baccho, e que hoje bebeu mais do que o costume, veio da Beira a Lisboa de proposito para offerecer ao D. Fernando a mão de sua filha, com a condição de que elle e ella tanto se enlevaram em innocentes amores campestres que d'essa innocencia bucolica resultou um filho. . . Não acha o caso divertido?

JUNOT (*offerecendo o braço á condessa*). — Naturalmente o que elle quer é dinheiro. . . E eu declaro que doto a pequena, com a condição de que havemos de ir jantar immediatamente.

CONDESSA (*dando o braço a Junot*). — Póde enxugar as lagrimas, homem, que já não são necessarias. . . Meu irmão ha-de dar á sua filha uma boa mezada. . . e dê da minha parte á pequena esta bolsa para comprar fato. (*Atira-lhe uma bolsa aos pés; ao mesmo tempo faz um signal a dois criados, que entraram momentos antes, e que puzando os cordões, correm as cortinas, deixando vêr uma meza esplendidamente posta, entornada da qual se agrupam, conversando os convidados, que são generaes francezes, senhoras, fidalgos portuguezes, etc.*).

SCENA VIII

Os mesmos, Foy (*entre os convidados*), generaes francezes, damas, fidalgos, criados

JERONYMO (*que ficou um instante pasmado, rompendo em subita explosão*). — Dinheiro! Quem foi que lhe pediu dinheiro á senhora! Ah! com seiscentos milhões de diabos! pois paga-se a dinheiro a honra da minha filha! . . . Bem diz o Paulo. Está a gente do povo a dar aos fidalgos o seu suor e o seu sangue, para elles depois nos tratarem como uns cães! Má raios me partam. . . Não admira que cuidem que um pai vende a dinheiro a sua filha, quando vocês vendem lá aos francezes a sua terra, que eu sempre ouvi dizer que era como se fosse nossa mãe! . . . Pagarem-me a a Joanna. . . Ah! ainda que se vendessem a peso d'oiro, como negras, quantas condessas ha no iateno. . . não chegavam ao que vale a minha filha!

D. FERNANDO (*dando um passo para Jeronymo*). — Atravido!

OS CONVIDADOS (*que assistiram com espanto á falla de Jeronymo, segredando entre si, ouviram-n'o depois com curiosidade, e sorrisos, e afinal, seguindo o exemplo da condessa, que largando o braço de Junot, occupou o seu lugar á meza, sem se sentar comtudo, rompem em gargalhadas e applausos ironicos.*)
Bravo! Bravo!

JUNOT (*rindo e levantando um copo cheio de vinho*). — A! saude das virtudes montanhezas!

JERONYMO (*desempenando a sua estatura, com raios de indignação nos olhos, com um sarcasmo rude*). — Eh! lá! riam-se para ahí! Toureiem-me, enterrem-me as farpas, mas cautella, que os toiros arremettem! Eh! que sucia que alli está! Fidalgos e francezes, tudo embrulhado e a rir. . . Ah! com um milhão de diabos, lá por fóra o povo morre de fome e de balas, as nossas filhas são desgraçadas por uns e insultadas por outros, as nossas casas são queimadas, e aqui a fidalguia, em gaudio com os francezes, a escarnecer dos paes que choram! . . . Vá, riam-se! riam-se para ahí, embebedem-se com o vinho das nossas cepas, regadas com o nosso sangue, embebedem-se, que eu lhes juro que o povo ha-de vir acordal os com a espingarda em punho. Adeus! Adeus! (*Sae desvairado, com um meio riso convulso de desespero*)

SCENA IX

Os mesmos menos JERONYMO

JUNOT (*que ouvira como estupefacto a ultima falla de Jeronymo, sahindo emfim do seu torpor e correndo na direcção da porta por onde sahio Jeronymo, com voz convulsa de raiva*). — Prendam. . . prendam esse homem!

Foy (*que ouviu Jeronymo de braços cruzados, pensativo, segurando no pulso de Junot, com intimativa*). — Prendel-o. . . Pois não sabe como aquelle homem se chama?

JUNOT (*com ira, querendo soltar-se das mãos de Foy*). — Que me importa. . .

Foy (*com elevação e certa amargura*). — O que, pois Junot, o filho de 89, o voluntario de 92, o soldado de liberdade, o general de Republica, já desconhece a sua mãe! . . . Aquelle homem chama-se a. . . Revolução! (*Cae o panno.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO

HERNANI

POR VICTOR HUGO

TRADUÇÃO DE PINHEIRO CHAGAS

O monologo de Carlos V

IV ACTO

Carlos Magno perdão! Na solitaria crypta só grave e austera voz póde fazer-se ouvir. Das nossas ambições a tormenta maldita vem perturbar talvez teu sereno dormir.

— Ah! como é bello ver da Europa o immenso mappa, como elle o desenhou com a sua forte mão! Sobranceiros aos reis o imperador e o papa devendo ao voto a thiara e o diadema á eleição. Reinos, ducados, tudo é sempre hereditario, no sangue se transmite a nobreza feudal; mas sae do povo um papa, e occupa o sanctuario, um eleito é que ascende ao throno imperial. D'aqui sae o equilibrio, a lei que rege a historia, Eleitores do Imperio, altivos cardeaes vestidos de oiro e purpura, inchados de vangloria, cumpris. sem o saber, designios immortaes. Nasce uma ideia um dia, e germina e floresce, humanar-se consegue em mil encarnações, abre caminho, vae, surge, desaparece, amordaçam-n'a os reis, dão-lhe escarneo e baldões a escrava entra porém na dieta orgulhosa, no conclave sagrado, e os reis curvos ao chão, vêem surgir emfim a ideia victoriosa, de thiara na frente, ou com o globo na mão O papa e o imperador são tudo. Sobre a terra imperam triumphaes, dictando ao mundo as leis. E o céu, que n'elles dois fundo mystdrio encerra, dá-lhes amplo festim de povo e de reis. Por baixo tumultua uma vasta hierarchia, mas ao mando supremo elles dois só teem jus. Um desliga, outro corta, e por sabia harmonia, um tem a força e a espada, outro a verdade e a cruz. Por isso, quando os vê sahir do sanctuario, o povo deslumbrando exclama com terror: «Ou purpura trajando, ou o branco sudario, são metades de Deus, papa e imperador!» Imperador! se o soul mas se o não sou! Inferno! sentindo a mente a arder na altiva aspiração! Feliz esse que dorme aqui o somno eterno! . . . Ah! no seu tempo sim; Era-se grande então? Oh! que destino o seu! . . . mas uma campá o encerra! . . . O que! tão pouco vale um imperador e um rei! C'o a magestade augusta assoberbar a terra! Ter sido o gladio, o sceptro, a sobrania, a lei! Por pedestal ter tido a Germania fremente! A historia, ó Alexandre, equiparal-o a ti! . . . Chama-se Carlos Magno, o Cesar do Occidente! Grande como o universo! . . . e caber tudo aqui! Ah! cubiçae o imperio! a vasta monarehia! Domine a immensa mole a vossa estatua só! E vinde ver depois na cathedral sombria quanto dá um monarcha em atomos de pó! . . . Mas que importa! Sonhei subir a enorme altura, ver por baixo de mim, em confusa espiral, o congresso dos reis, a sacra prelatura, doges, condes, barões, o mundo imperial, soldados, clerezia, ao fundo a turba immensa dos homens em tropel, vasto e revoltor mar, d'onde ouvimos sahir, por entre a sombra densa, prantos, um riso amargo, um longo soluçar; mar, espelho de reis, que só verdade estampa! vaga irrequieta logo ao mais leve bulir! onda que esmaga um throno e que embxia uma campá! que tem da pomba o arrullo e do tigre o bramir! Se a vista prescrutasse o torvo abysmo ingente, veria imperios mil, naufragados baixeis, que a onda popular rula continuamente, do fluxo e do refluxo obedecendo ás leis. Em tudo isto imperar! O abysmo infunde medo! desatar do governo o complicado nó!

De ser grande no mundo o magico segredo quem m'o saberá dar? (*ajoelha diante do tumulo.*)

Carlos Magno, tu só!

Ah! se Deus poz aqui a minha magestade face a face c'o a tua, augusto imperador ensina-me de tudo a intima verdade solta da tua campá o verbo inspirador!

Que deixaste de grande a fazer na Allemanha? Falla sombra cesarea, espectro imperial, embora o bafejar da tua voz extranha me espedace na frente a porta sepulchral! Ou deixa que eu estude, em teu somno profundo, o cérebro que encheu tua immortal razão;

O teu nada é o que ha de mais grandioso no mundo na cinza, em vez de sombra, encontro a inspiração,

Aproxima a chave da fechadura. . . Recuando.

Ceus se o vou encontrar na funebre jazida livido a passear com passos espectraes! Se vou sahir d'ali c'o a frente encanecida!

Rumor de passos.

Oiço passos! Quem é? Quem ousa a horas taes tal morto perturbar?

O rumor aproxima-se

Ah! os meus assassinos.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

TEMPESTADES

(Continuado do n.º 586)

Quando o conego entrou em casa, o olhar radiava-lhe de singular alegria. Que pechincha, hein, para o maganão do Silvestre? Duzentos contos fortes, e uma mulher, oh, uma mulher! . . .

E o conego, relembrando os seus primeiros enthusiasmos pela brazileirinha, arregalou os olhos n'uma mimica de extasi, e monologou, n'um urro:

—Caramba! a mulher ainda vale mais do que o dote! Poço! Porque não é meu sobrinho o conego, e eu não sou o sobrinho?

Meditava este problema, com a face illuminada, quando defrontou com a porta do escriptorio de Silvestre. Abriu-a; e logo a cabeça do sobrinho, emergindo de uma muralha de autos e codigos, exclamou:

—Ui! o tio vem esplendoroso! É um sol nascente!—e cravou lhe o monoculo, com curiosidade.—Chegou a tempo! Eu estava aqui a dormir sobre as razões pouco edificantes de uma menina que pretende habilitar-se á herança de um seu collega que, segundo parece, teve artes de a dar á luz.

—De a dar á luz?! . . .

—É o que ella cá diz, n'estes apontamentos; mas, socegue, eu não creio n'esse phenomeno que seria a deshonra dos ventres ecclesiasticos. Então que noticias traz d'essas ruas? . . . Ah, é verdade, esquecia-me dizer-lhe que a questão das suas amigas está ganha, segundo me consta.

—A questão das aguas de Setães? Pois tu vencestel-a?

—Parece-me que sim; logo hei-de saber isso com certeza. E olhe que não custou pouco. Aqui p'ra nós, a D. Florencia não tinha razão nenhuma.

—Homem, então foi umê africa!

—A Justiça, ás vezes, como é uma senhora, tem desequilibrios de temperamento. . . Nervosa!

—Pois eu venho de lá, do Palmeirão; e se soubesse a boa-nova, tinha-lh'a participado.

—Ah, vem do Palmeirão? Kesou algum terço com a D. Florencia?

—Cala-te, meu idiota. A D. Florencia é melhor do que tu pensas. Ainda ha pouco me esteve a contar as coisas que diziam d'ella; que obrigava a sobrinha a resar de mais, que queria que ella fosse para irmã de caridade, e outras lérias que inventa quem não tem que fazer senão escavar nas vidas alheias

—E então? Talvez ella queira dizer que não ha ninguem tão feliz como a sobrinha, n'aquelle casarão triste como um convento. Ora! . . .

—Não, ella não diz isso, porque, até por signal, a D. Rosalia acho que anda, agora, com desarranjo no miolo, sempre a resar, cheia de melancolia. . . A D. Florencia desconfia que ali anda paixão.

—Paixão?! Por quem?

—Eu sei lá! Ella disse-me assim: «Ai, amigo conego, a minha sobrinha está apaixonada com toda a certeza! Eu, se soubesse quem era o homem que ella amava, havia de indagar antes se elle era digno de Rosalia, e se fosse, ai, conego! casava-os! Porque antes quero que ella viva con-

tente... Etc. e tal, tudo assim n'este gosto. Ora se a velha diz estas coisas, é porque gosta devéras da sobrinha.

—Decerto!—fez o bacharel, abstrahido.

O conego esperava que o sobrinho, estimulado por aquellas palavras animadoras, lhe revelasse o segredo, n'uma subita explosão de felicidade. Entanto, como visse que elle permanecia em silencio, concentrado, adiantou:

—Ora eu, quando ella me fallou na paixão da sobrinha, lembrei-me logo de ti.

—De mim?

—Sim, de ti. P'ra que te espantas? Pensas que eu não tenho reparado no estado em que tu vens sempre do Palmeirão?

—Eu? Então em que estado venho?

—Homem, sabes que mais?...—rugiu o conego, começando a suspeitar um engano nas suas desconfianças.—Sabes que mais?... Bolas! Deixa-te de abrir tanto a bocca, que eu já não acredito em s' rprezas d'este genero. Tenho cincoenta e quatro annos, e trinta de confissionario: estou farto de conhecer disfarces.

—Mas, tio, espere lá: para que é todo esse sermão?

—Para te dizer que me não comes por tolo. E' tão certo tu gostares da pequena, como nós estarmos agora aqui.

—E então, se isso fosse verdade?

—Ah, então já não negas?... Ora ainda bem. Pois se isso fôr verdade, meu rapaz, e se ella tambem gosta de ti, o resto é bem facil de fazer com uma estola e algum latim.

—Casar-me?

—Tu hoje não sabes abrir a bocca, se não para fazer perguntas. Sim, casar-te! Parece que a coisa não te alvoroca muito. Pois olha que não é brincadeira: trata-se de duzentos contos fortes e da creatura mais linda que teu vindo lá d'esses quintos do Brazil! Não te agrada, talvez...? Homem, desembucha!

Silvestre, áquella exclamação, despertou dos pensamentos em que as palavras do conego o tinham mergulhado; e, com uma seriedade melancolica e meditada, disse lentamente:

—Escute, tio. E' certo que desde o dia do nosso conhecimento, Rosalia e eu temos mantido secretamente, as mais puras e leaes relações affectuosas...

—Ah! então isso foi ver-te e amar-te, como se diz nos entremezes!—interrompeu jubilosissimo, o padre.

Silvestre sorriu:

—Exactamente; vêl a, foi amal-a. Felizmente, encontrei no seu coração um sentimento retributivo, e assim temos vivido felizes, escrevendo-nos, fallando, de longe a longe. Agora, ainda isto continúa; mas ella tem andado com umas melancolias tão exquisitas, que eu nem mesmo sei o que hei-de pensar...

—Mas vocês, sim... nunca fallaram em casamento?

—Claramente, nunca.

—Então contavam ficar assim toda a vida, a escrever cartinhas e a fazer olhos doces?

—Nem eu sei. Ella fallando-me ás vezes, vagamente, no seu futuro, nunca alludiu bem a qualquer alliança entre nós.

—Ella, vá; mas não podias tu fallar?

—Eu? Pois o tio não vê que se eu fizesse isso, me poderiam julgar um especulador de dotes? Não me disse, ainda agora, que ella tinha duzentos contos? Pois ahí está: por ella ser rica, é que eu não lhe fallei em tal coisa, nem fallo. Demais a mais com uma tia como aquella pêga da D. Florencia! Que diria ella, heim?...

—Que és um parvo de marca maior!—mugio o padre.—Oh alma de cantarol pois eu não te disse já que a D. Florencia faz tudo o que a sobrinha quer?... Pois então, já que és tão desconfiado, fica certo que ella sabe tudo. Disse-me ainda hoje que sabia da tua paixão pela sobrinha, e que lhe agradava o casamento se vocês tivessem verdadeiro amor um ao outro. Vês, meu patola!... E tu, ainda por cima lhe chamas pêga! Anda, anda, faz acto de contrição e pensa no que te acabo de dizer. E' uma refinada asneira, se deixas fugir a occasião de tornares a tua vida independente, e de tomares posse da mais linda creatura d'estes arredores! A D. Florencia estima-te; fez-te grandes elogios, e parece mesmo que está um pouco maguada, por tu não appareceres lá, ha quasi uma semana. Anda, vae saber a decisão da demanda, e depois leva-lhe lá a boa-nova. Verás como ella te tracta.

O conego tinha-se erguido para sahir, e já ao pé da porta, vendo que nenhum movimento alterára a attitude meditativa do sobrinho, accrescentou:

—Ouviste o que eu te disse?

Silvestre ergueu a cabeça:

—Ouvi!—respondeu.

—E então?

—Então quê?

—Vaes ou não vaes ao Palmeirão?

Aquella insistencia do velho, terminou por arrancar Silvestre á concentraçáo: começava a achar graça á afflictiva impacencia d'aquelles conselhos, e foi com um dos seus habituaes sorrisos que lhe respondeu:

—Vou, tio, vou! Deixe-me aqui tomar umas notas sobre os autos da tal menina que pretende ter sido dada á luz por um respeitavel abbade, e depois marcho direitinho para lá.

—E, ouve: diz assim umas coisinhas mimosas á D. Florencia.

—Pois está claro! Digo-lhe, por exemplo, que o tio e ella plantados em um vaso, dariam o mais lindo girasol e a mais escarlate papoula, do universo! Que d'este girasol e d'esta papoula, consorciados, nasceria o antechristo, em chrysalida, dentro de uma cebolla! Que d'esta cebolla...

Mas o conego já tinha sahido, e Silvestre, vendo-se só, teve um irreprimivel movimento de sinceridade:

—O quê?... Pois toda esta ventura será verdadeira?

(Continúa.)

PINHEIRO CHAGAS

LIVROS

(Concluído do n.º antecedente)

Portuguezes illustres. Ibi, na imp. de J. G. de Sousa Neves, 1869 8.º

Contem 113 biographias de portuguezes antigos e modernos, escolhidos entre os que mais se distinguiram em sciencia, armas e letras. Tem tido este livro varias edições. A segunda foi revista pelo auctor.

Novellas historicas. Porto, na imp. Portugueza, de A. de Moraes Sarmento, 1869. 8.º—É edição da antiga casa Moré.

Contem: *O wali de Santarem. O escudeiro de Nuno Alvares. A passagem do Bojador. O berço de maldição. Uma aventura de capa e espada. e A noiva do cadafalso.*

Alguns d'estes romancinhos tinham saído antes no *Archivo pittoresco.*

Esboço biographico do general José Maria de Magalhães, fallecido em 13 de março de 1869, por um official de infantaria. Lisboa, typ. Universal, 1869. 8.º—Tem no final a data de 3 de abril de 1869 e as iniciaes do auctor P. C.

Desenvolvimento da litteratura portugueza. These para o concurso da terceira cadeira do curso superior de letras, em 1871.

Ministros, padres e reis, folhetins. Ibi, 1870. 1 vol. 8.º—Edição completamente exhausta.

O segredo da viscondessa, romance, 1872, 1 vol.

A mascara vermelha. Romance historico, 1873, 1 vol.—*Nova edição,* 1890, 1 vol.

O juramento da duqueza. Romance historico original, continuação da *Mascara vermelha,* 1873, 1 vol.—*Nova edição,* 1890, 1 vol.

O editor A. M. Pereira teve que fazer mais que uma edição dos dois romances indicados.

O terremoto de Lisboa. Ibi, 1874. 8.º

As duas flores de saque, romance, 1875, 1 vol.

A varanda de Julieta, romance, 1876, 1 vol.

A primeira missa no Brazil. Considerações sobre a reproducção chromo-oleographica do quadro de Victor Meyrelles, exposição do assumpto e rapida biographia do auctor. Ibi, na typ. de Lallemand frêres, 1878, 8.º

Prologo da *Comedia de Lisboa* de Gervasio Lobato, estudo sobre realismo, romantismo, e humorismo, 1878—Editor Chardron.

A mantilha de Beatriz, romance, 1878, 1 vol.

A propriedade litteraria, carta ao imperador do Brazil. Ibi, 1878.

Fora da terra, Ibi, 1878, 1 vol.—Com um extenso prologo de Julio Cesar Machado.

Brazileiros illustres. Porto, 1879 (?), 1 vol.

Historia alegre de Portugal. Ibi, 1880. 8.º—Já tem terceira edição, publicada em 1891.

Resumo da historia de Portugal: Primeira edição, 1880 (?); *segunda edição,* 1890; *terceira edição,* 1892.

Almanak Camões, 1880.

Origens do theatro latino, 1882, 1 vol.

Relatorio da secção de litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa acerca das obras que concorreram á adjudicação do premio D. Luiz I em 1887, Elogio Historico de Alexandre Herculano. Lisboa, 1890.

As negociações com a Inglaterra. Lisboa, 1890.

A descoberta da India, contada por um marinheiro, seguida do *Baluarte de Div.* Editor Antonio Maria Pereira, 1890, 1 vol. em 8.º

A lenda da meia noite, 1890. 1 vol.—A primeira edição saiu no Porto, (editora casa Moré), typ. de Manuel José Pereira, 1874. 8.º

Guerrilheiros da morte. Romance original, 1872. 8.º—Tem tido varias edições. Talvez não menos de cinco.

Madrid, scenas de viagem, 1872, 1 vol.

Vermelhos, brancos e azues, Ibi, sem designação de typ. nem do anno, mas julgo que será de 1873.

É uma collecção de folhetins, que o auctor publicára em varios jornaes.

Astucias de namorada. Um melodrama em Santo Thyrsó (romances), 1873. 1 vol.

A guerra peninsular, 1874, 1 vol.

As cruzadas, 1874, 1 vol.

Os dramas do mar, 1875, 1 vol.

O ultimo rei cavalleiro, 1874, 1 vol.

Vulcões e tremores de terra, 1874, 1 vol.

Vida de Jesus, 1874, 1 vol.

A guerra do Paraguay, 1874, 1 vol.

Aljubarrota, 1874, 1 vol.

Os dramas celebres do amor, 1894, 1 vol.

O marques de Pombal, 1874, 1 vol.

A guerra da restauração, 1874, 1 vol.

Historia dos pocos antigos do Oriente.—É o primeiro tomo de uma *Historia Universal*, que devia proseguir na serie da *Educação popular*, mas que não passou d'essa parte.

Historia da guerra entre a França e a Prussia. Lisboa, na typ. de Sousa Neves, 1871, 8.º—*Segunda edição,* na mesma imp. (sem data) 4.º

Historia da Revolução da communa de Paris. Edição illustrada com retratos. Editor, José Augusto Vieira Paré. Ibi, typ. do *Diario Popular*, 1871. 8.º

Esta obra foi completada pelo mesmo editor com o *Processo dos membros da communa de Paris* Edição illustrada com retratos. Ibi, 8.º

A conquista do Perú 1874. 1 vol.

Descobrimientos dos portuguezes na Africa, conferencia celebrada na academia real das sciencias. 8.º

Vida do general Osorio. Lisboa 1889. 8.º—Foi mandada imprimir pelo filho do biographado, conde de Prouença a Velha, já fallecido, para distribuir pelos seus amigos e parentes. Não entrou no mercado.

Marqueza das Indias.—Romance que foi escripto para um editor do Pará, e imprimiu-se e consumiu-se ali, não tendo vindo exemplar algum para Portugal.

A joia do vice rei. Romance historico, 1890. 8.º—Teve a primeira edição no *Brinde do Diario de Noticias.*

As colonias portuguezas no seculo XIX, historia de toda a nossa vida colonial n'este seculo. Ibi, 1891. 8.º—Constitue o tomo VIII da obra *Os portuguezes na Africa, Asia, America e Oceania,* com que o editor Antonio Maria Pereira a completou.

Camillo Castello Branco, prefacio da edição de luxo do *Amor de perduição,* publicado em 1891 pela casa Alcino Aranha & C.º

Diccionario Popular.—Foi o director e o principal collaborador d'esta obra, moldada pela de Larousse, publicada, com grande sacrificio pelo typographo editor, Joaquim Germano de Sousa Neves, e concluido depois da morte d'este com o tomo XVI.

Tristezas á beiramar.—Romance original. Lisboa, typ. e estereotypia moderna—E' o n.º 1 da «Collecção Antonio Maria Pereira», vulgarisação das melhores obras dos escriptores nacionaes e estrangeiros. romances, contos, viagens, etc. A primeira edição d'este romance fôra publicada pelo *Commercio do Porto* em 1806, em folhetins e em volume.

Das *Tristezas á beiramar* extrahiu um escriptor brasileiro um drama com este mesmo titulo, e que corre impresso. Foi depois traduzido em francez por uma senhora portugueza, casada e residente em Paris, a sr.ª D. Maria Telles da Gama, condessa da Torre Novailles.

Este romance tambem foi traduzido em hespanhol pelo sr. F. L. de Rivadeneyra, e impresso em Paris pela casa editora Garnier. sob o *Tristezas á orillas del mar*, antecedida de um prologo do traductor, que elogiava as altas qualidades litterarias do illustre auctor.

Naufragio de Vicente Sodré Couto.—No *brinde do Diario de Noticias* para 1892. Teve depois nova edição em separado.

Os descobrimientos portuguezes e os de Colombo. Tentativa de cordenação historica. Lisboa, typ. da Academia Real das Sciencias, 1892. 8.º

Migalhas de historia portugueza. Lisboa, typ. e estereotypia Moderna, 1893, 8.º

Relatorio da Academia Real das Sciencias, lido na sessão solemne em dezembro de 1893. 8.º

O editor Antonio Maria Pereira tem actualmente para publicar na sua collecção os seguintes livros d'este escriptor.

Africa e Brazil. 1 vol.

Um enredo á Calderon, romance historico.

E ainda outro livro, a que elle não tinha dado o titulo definitivo.

Pertencem-lhe:

O extenso prologo da traducção do *D. Quichote de la Mancha*, traducção começada pelo sr. visconde de Castilho (Julio), continuada pelo sr. visconde de Azevedo, e concluida pelo sr. Pinheiro Chagas. E' um estudo completo da obra de Cervantes.

O prologo da edição dos *Lusiadas*, feita pelos srs. Duarte dos Santos e Aristides Abranches, com gravuras de Soares dos Reis, já descripta no *Diccionario Bibliographico*, tomo XVI, o primeiro que o sr. Brito Aranha dedicou á obra monumental de Camões, D'este prologo existe uma versão em francez pelo sr. Henri Faure, e por este escriptor mandada imprimir em um folhetim, em Moulins (França).

Uma parte do ultimo tomo da *Historia de Portugal*, publicada pelo editor Mattos, e escripta por diversos (srs. Luciano Cordeiro, Antonio Ennes, Gervasio Lobato, E. A. Vidal, Alberto Pimentel), foi de Pinheiro Chagas; porém, tendo sido chamado aos conselhos da corôa, ficou incumbido de concluir esse trabalho o sr. Delfim de Almeida, da Academia das Sciencias.



CHARLES GIRON

COMMANDANTE DO «VILLE DE DUNKERQUE»

Physiologia das escolas, traduzida de madame C Bray, 1815. 1 vol.

Infancias celebres, traduzida de madame L. Colet, 1876. 1 vol.

Casamentos fidalgos, traduzido de Octavio Feuillet, 1870. 1 vol. — N'este volume andam adjuntas as traducções de duas peças do mesmo auctor: *Partidas das damas e Cabello Branco*.

Os amores de Philippe, romance traduzido de Octavio Feuillet. Porto, 1878. 1 vol. 8.º

O capitão Paulo, traduzido de Alexandre Dumas, 1878. 1 vol.

Marquez de la Seigliere, romance de Jules Sandeau.

A dama das camelias; romance de A. Dumas filho.

A descoberta da terra, de Julio Verne.

As descobertas de Juca, imitação do francez de Emilio Desbeaux. Paris, 1887. 1 vol.

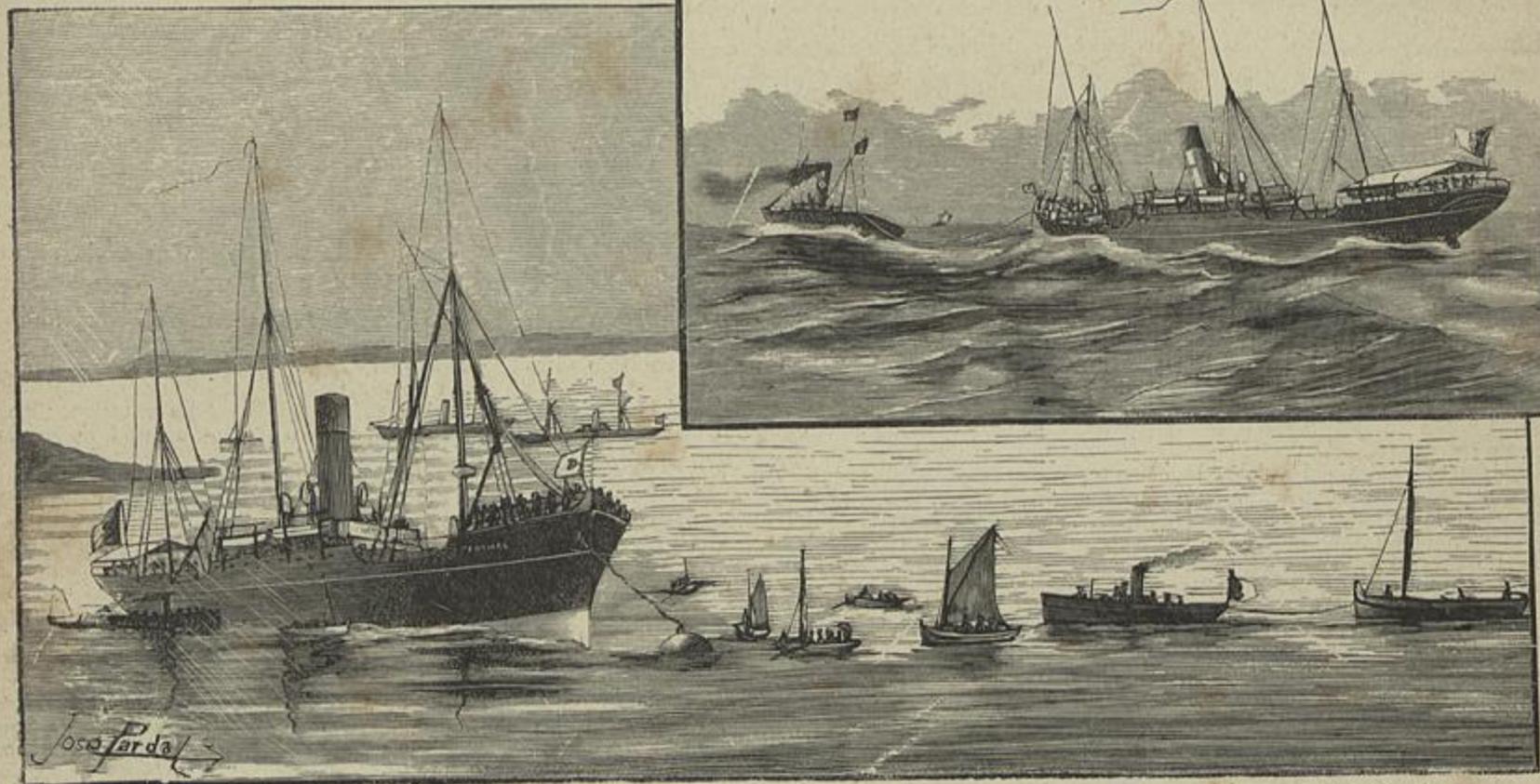
Marrocos e Constantinopla, descripções de viagem traduzidas de De Amicis, 1888. 2 vol.

O abbade Constantino, traduzido de L. Halévy. Paris, 1888. 1 vol.

O dr. Rameau, romance traduzido de Jorge Onnet, editor Antonio Maria Pereira, 1889. 1 vol. 4.º

A ruina da Inglaterra, traduzido de C. Debans. Ibi, 1890. 8.º

A fada de Auteil, traduzido do Ponson du Terrail, 1871. 5 vol.



A EXPEDIÇÃO MILITAR PARA LOURENÇO MARQUES — O VAPOR «PENINSULAR» REBOCADO PELO «VILLE DE DUNKERQUE»
CHEGADA DO VAPOR «PENINSULAR» AO TEJO

(Desenho do sr. José Pardal)

Nos *Diarios das camaras* encontram-se varios discursos seus, sendo um mui notavel, o proferido em 1877 quando foram apreciadas e discutidas as accusações que os exploradores britannicos Cameron o Young fizeram da escravatura nas possesões portuguezas, envolvendo as proprias auctoridades. D'este discurso ha uma traducção em inglez, impressa em Inglaterra.

São de Pinheiro Chagas os relatorios do congresso de beneficencia, que apresentou ás assembleas como vice presidente da mesma insituição pia, de que era presidente El-rei.

TRADUÇÕES

A San Felice, traduzido de Alexandre Dumas, 1864. 3 vol.

Um drama da regencia, traduzido de P. Féval, 1864. 2 vol.

Nadège, traduzido de Luiz Énault. 1864. 1 vol.

O Conde de Camors, traduzido de Octavio Feuillet, 1867. 2 vol.

A familia de Panarvan, traduzido de Julio Sandeau. 1858. 2 vol.

O album do regimento, traduzido de E. About. 1869. 1 vol.

O sello vermelho, traduzido do conde A. de Vigny, 1860, 1 vol.

Flor de liz, traduzido de Octavio Feuillet, 1870, 5 vol.

As venturas da riqueza, traduzido de H. Conscience, 1870. 2 vol.

O pára-raios traduzido de Ch. de Bernard, 1869. 1 vol.

O testamento do conde, traduzido de Frederico Soulié, 1871, 5 vol.

O major Napoleão, romance. Ibi. sem data (é de 1872), 1 vol. 8.º

A vingança do sargento, Romance (traduzido de La Landelle), 1873. 3 vol. 8.º — *Segunda edição*, 1890.

O filho de Marat, traduzido de A. Dumas, 1872-1873. 4 vol.

Regina, episodio das «Confidencias», traduzido de A. de Lamartine, 1873. 1 vol.

Historia dos ultimos acontecimentos de Hespanha. Traducção do francez. Lisboa, 1871. 1 vol. 8.º

As grandes verdades religiosas, traduzido da baroneza de Makau, 1874. 1 vol.

Os tribunaes secretos, traduzido de P. Féval, 1874. 5 vol.

Memorias de Paulo de Kock, 1874, 1 vol. — *Nova edição*, sem data (mas é de 1890), 8.º

O casamento de frei Serapião. Scenas do beaterio; traduzido de H. de la Madeleine, 1874, 1 vol.

Jhon e a sua ilha, traduzido de Max O'Reill, 1890. 1 vol.

D'aqui a cem annos, traduzido do inglez de E. Bellami, 1891. 1 vol.

Honra de artista por Octavio Feuillet. Traducção. Ibi, 1891. 8.º de 186 pag.

Historia de Roma, traduzida de Victor Duruy. Edição illustrada com gravuras.

São de Pinheiro Chagas os artigos descriptivos em francez e portuguez das 24 oleographias publicadas de 1883 a 1885 pelo editor Pedro Correia, sob o titulo de *Portugal pittoresco*. D'elle são tambem alguns dos artigos que acompanham as estampas lithographadas do *Album dos costumes portuguezes*, publicado pela companhia nacional editora.

Fedora — romance inglez traduzido em folhetins no *Correio da Manhã*.

O Filho do Diabo — de Paulo Féval, idem.

É de Pinheiro Chagas o prefacio ás *Cartas do Outro Mundo* de Francisco Palha, 1895.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37